

BOOK REVIEW

APROPRIAÇÃO, REESCRITA E RECEPÇÃO CRIATIVA COMO FORMAS DE TRADUÇÃO EM ALGUNS TRÂNSITOS LITERÁRIOS ANGLO-PORTUGUESES

Maria Zulmira Castanheira*

Universidade Nova de Lisboa/CETAPS

Anglolutofilias: Alguns Trânsitos Literários, Jorge Bastos da Silva, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento, 2018, 196 pp, 14€, ISBN: 978-972-361704-7.

Anglolutofilias: Alguns Trânsitos Literários, obra de Jorge Bastos da Silva publicada em 2018 pelas Edições Afrontamento e o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, de que é colaborador, reflecte claramente as principais áreas de interesse do autor, identificadas na curta nota biográfica que acompanha o volume: a Literatura e a Cultura Inglesas, a História Intelectual, os Estudos sobre a Utopia e os Estudos de Tradução e Recepção. Docente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigador do CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e actualmente director da revista *Op. Cit.: A Journal of Anglo-American Studies*, Jorge Bastos da Silva tem vindo a desenvolver investigação consistente nos referidos domínios, revelando um espírito inquisitivo e crítico que o tem conduzido à elaboração de ensaios em que apresenta propostas interpretativas e ângulos de análise inovadores. No âmbito particular dos Estudos de Tradução, os seus trabalhos acerca da tradução em Portugal norteiam-se geralmente por uma perspectiva histórica que se entrelaça com os Estudos de Recepção, orientação que a obra em apreço também segue quando se debruça sobre um conjunto de textos que, na sua fortuna tradutória, sofreram transmutações em diferentes contextos culturais, epocais e discursivos.

Anglolutofilias: Alguns Trânsitos Literários divide-se em nove capítulos, enquadráveis no campo disciplinar dos Estudos Anglo-Portugueses, entendidos como uma avenida para trânsitos nos dois sentidos: Portugal / Grã-Bretanha e Grã-Bretanha / Portugal. Por um lado, encontramos aqui um conjunto de sete ensaios sobre intelectuais portugueses dos séculos XVIII ao XXI que se interessaram por obras (sobretudo) literárias britânicas e nelas beberam temas, motivos, ideias que encontramos retrabalhados em obras de sua autoria (*anglofilias*); e, no sentido inverso, dois dos ensaios debruçam-se sobre a presença portuguesa na obra de escritores de além-Mancha, no caso Thomas More e Mary Shelley (*lusofilias*). Organizados por ordem cronológica, a do tempo em que os autores / pensadores analisados viveram / vivem, constituem um interessante conjunto de estudos que se desenvolvem em torno de fenómenos e processos de apropriação, reescrita,

* mzc@fcsh.unl.pt

recepção criativa e crítico-valorativa, devidamente contextualizados, ao longo dos quais Jorge Bastos da Silva estabelece perspicazes e estimulantes nexos intertextuais.

O ensaio que abre o volume intitula-se “Um Nenhures Cosmopolita: A Emergência do Espectro Semântico da ‘Utopia’ nas Primeiras Traduções da Obra Moreana”. Nele, o investigador trata da circulação internacional e fortuna tradutória de *Utopia*, de Thomas More, nos 120 anos subsequentes à sua primeira edição, em latim, mais concretamente as versões que dela foram publicadas em alemão, italiano, francês, inglês, holandês e espanhol, atendendo aos processos de manipulação a que foram sujeitas; bem como dos diversos sentidos que o termo *utopia* adquiriu e que não derivam necessária e directamente da obra de More, em que um marinheiro português, culto, Rafael Hitlodeu, elevado à condição de protagonista, narra ao próprio More a existência das terras do povo da Utopia.

De utopia se fala igualmente no ensaio que encerra o livro, “João Medina, a Utopia e a Negação da Utopia”. Rebatendo a justeza da afirmação (polémica) de João Medina feita num seu artigo a que deu o título “Não há Utopias Portuguesas”, publicado no volume de 1978-79 da *Revista de História das Ideias*, Jorge Bastos da Silva aponta para a perplexidade que tal avaliação pode causar quando o próprio historiador João Medina tem produção romanesca que se enquadra no género da utopia literária e que é profundamente devedora de fontes literárias britânicas (William Shakespeare, Daniel Defoe, Jonathan Swift). Jorge Bastos da Silva demora-se numa análise interessantíssima das duas obras de João Medina que servem a sua argumentação – *A Ilha Está Cheia de Vozes ou Robinson na Ilha dos Autómatos* (1971) e *Novas Aventuras de Gulliver* (1974) – vistas na sua dimensão alegórica e satírica, tendo Portugal como pano de fundo.

Se o estudo da ficção de João Medina põe em relevo a sua marcante anglofilia, num outro ensaio que integra o volume, “O Anglicismo pouco Assimilado de João Penha”, o investigador reflecte sobre a obra daquele poeta português que fundou e dirigiu o jornal literário coimbrão *A Folha*, órgão oficial do Parnasianismo, para concluir que o anglicismo de João Penha foi ocasional e superficial, mormente no que diz respeito às suas apropriações tendencialmente cómicas de Shakespeare e o seu conhecimento pouco informado e actualizado da literatura britânica.

Os ensaios “Mary Shelley e a Literatura Portuguesa do Renascimento” e “Formas de Antologiar as Brontë” acompanham o contexto de celebração dos bicentenários dos nascimentos das três irmãs Brontë e do bicentenário da publicação de *Frankenstein*. No primeiro, Jorge Bastos da Silva trata de uma parte menos conhecida, quase ignorada na verdade, da obra de Mary Shelley: as resenhas crítico-biográficas que a autora fez para o projecto editorial *The Cabinet Cyclopaedia*, de Dionysius Lardner, mais particularmente as consagradas a autores portugueses do Renascimento (Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Camões e António Ferreira). Estas dão-nos a ver Mary Shelley sob a perspectiva de uma certa lusofilia, especialmente a sua construção de uma imagem de Camões como poeta e herói romântico que Jorge Bastos da Silva aproxima do recorte byroniano. No “Anexo” que conclui este estudo, deparamo-nos com mais um exemplo do labor inquisitivo do autor,

que testa a verosimilhança da atribuição a Mary Shelley de um artigo intitulado “Portuguese Literature” publicado em Janeiro de 1839 na revista londrina *The Monthly Chronicle*, procedendo a um trabalho de cotejo entre o referido artigo e as resenhas crítico-biográficas produzidas por Mary Shelley para a iniciativa editorial de Lardner que aponta para a falta de sustentação de tal atribuição.

No ensaio “Formas de Antologiar as Brontë”, em que aborda o processo de romantização das figuras das três irmãs e respectivas obras a partir de apreciações críticas provenientes de diferentes contextos culturais e temporais, Jorge Bastos da Silva inclui, entre outros, o contexto português. A sua análise baseia-se no “Breve Ensaio sobre a Vida e a Obra de Emily Brontë”, da autoria de Gentil Marques, que antecede a versão portuguesa (1953) de *Wuthering Heights* incluída na colecção “Obras Escolhidas de Autores Escolhidos” das Edições Romano Torres, em tradução de Leyguarda Ferreira. O foco recai no modo como Gentil Marques mitifica Emily Brontë, condicionando assim a leitura do romance.

A tradução e a recepção representam, como temos vindo a ver, duas áreas com que os ensaios da colectânea em apreço profundamente se articulam. Em “John Milton e a Liberdade de Imprensa no Liberalismo Português” é a tradução portuguesa (1810) de *Areopagitica*, panfleto anti-censório de Milton, que constitui o objecto de análise, procedendo Jorge Bastos da Silva a uma desmontagem das estratégias usadas em Portugal, país monárquico e católico romano, na divulgação do texto, com vista a contornar a dificuldade de Milton ser um poeta e político envolvido com o regime parlamentar da Commonwealth e do Protectorado de Cromwell, de credo puritano e supostamente cúmplice do regicídio de Charles I. A fortuna crítica de Milton em Portugal, de sinal positivo, é também avaliada à luz desses mesmos dados da biografia do autor de *Paradise Lost*, no sentido de chamar a atenção para a perplexidade que a admiração lusa pelo poeta inglês não deixa de causar. O investigador volta assim à abordagem da obra de Milton do ponto de vista da tradução, que já havia feito no ensaio “Milton e Pope em Portugal: as Traduções de F. B. M. Targini e o Contexto da Crítica”, incluído no seu livro *Tradução e Cultura Literária: Ensaios sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, de 2014. Tal recorrência é bem ilustrativa da intenção de Jorge Bastos da Silva em alargar e aprofundar progressivamente a pesquisa acerca de autores, obras e temáticas do seu interesse, consciente de que tal revisitação poderá implicar uma reavaliação de pontos de vista anteriormente adoptados.

De tradução nos fala também o ensaio dedicado à Marquesa de Alorna, “Alcipe Tradutora (Reescritas e Apropriações)”, em que o autor, dando provas de independência crítica, contesta uma ideia há muito cristalizada: a de que seria Alcipe uma precursora do Romantismo em Portugal. Numa argumentação sólida e bem construída, repondera a questão à luz das traduções feitas por D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre de poetas britânicos e não só, demonstrando a filiação preponderante de Alcipe em códigos estético-literários dos clássicos greco-latinos e do Classicismo de Setecentos.

Já em “*Ivanhoe* e o Drama Histórico do Romantismo Português (em torno de Alfredo Possolo Hogan – e com uma hipótese sobre o *Frei Luís de Sousa* de Garrett)”, ocupa-se do

impacto e fortuna do romance de Walter Scott na ficção narrativa e dramática de temática histórica do Romantismo português, fazendo uma leitura de pormenor da adaptação cénica de Alfredo Possolo Hogan, *Ivanhoe* (1849), mas passando por várias outras reescritas. Ao abordar a assimilação do modelo garrettiano do *Frei Luís de Sousa* feita por Hogan quando se apropriou da matéria scottiana, Jorge Bastos da Silva descortina um possível ângulo interpretativo que formula sob a forma de conjectura: terá sido *Ivanhoe* uma fonte, não confessada por Garrett, para a elaboração da tragédia *Frei Luís de Sousa*?

Por fim, Shakespeare, poeta a que Jorge Bastos da Silva já dedicou um estudo desenvolvido no seu livro *Shakespeare no Romantismo Português: Factos, problemas, interpretações*, vindo a lume em 2005, é tema central de um dos ensaios, intitulado “Avatares Novelísticos de *Romeo and Juliet*”. Debruça-se aqui o autor sobre um conjunto de apropriações, reescritas e recontextualizações da célebre tragédia shakespeariana, de diferentes épocas, sob a forma de “novelizações” (versões em prosa narrativa com diálogo em discurso directo). No que diz respeito às de origem portuguesa, analisa *A Varanda de Julieta* (1876), de Pinheiro Chagas, *Julieta das Minhocas* (1970), de José Vilhena, *Romão e Juliana: Como é Diferente o Amor em Portugal* (2016), de Mário Zambujal, e uma ainda mais recente, *Romeu e Julieta Contado Tipo aos Jovens* (2017), uma adaptação de Ana Almeida inserida na colecção “Os Livros Estão Loucos” da editora lisboeta Guerra & Paz, em que o grafismo ousado assume um lugar de grande relevo. O *corpus* de novelizações seleccionado permite ao autor constatar a existência de um fluxo de reescritas em prosa narrativa para diferentes públicos-alvo, em que por vezes a matéria trágica é transmutada em comédia e o nome de Shakespeare é dessacralizado. Também neste ensaio Jorge Bastos da Silva nos surpreende, ao colocar-nos perante a possibilidade da existência de pseudo-traduições: novelizações portuguesas que se fizeram passar por traduções de textos franceses.

Com *Anglulofilias: Alguns Trânsitos Literários*, Jorge Bastos da Silva dá assim continuidade a uma obra ensaística que tem vindo a indagar, sob novos e estimulantes prismas, as intersecções e o intercâmbio literário e cultural entre Portugal e a Grã-Bretanha, em que a tradução ocupa um lugar de destaque. Constitui, nesse sentido, mais um importante contributo para um melhor conhecimento da história da tradução e da literatura traduzida em Portugal, o qual vem juntar-se ao já mencionado volume *Tradução e Cultura Literária: Ensaio Sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, de 2014, e a uma antologia de textos críticos e teóricos organizada pelo autor e publicada no ano seguinte, *O Discurso sobre a Tradução na Literatura Portuguesa (Classicismo e Romantismo)*, que deita luz sobre conceitos, princípios orientadores, práticas e debates no domínio da tradução nos referidos períodos, a que Jorge Bastos da Silva tem vindo a dedicar particular atenção crítica.

Sobre a autora: Maria Zulmira Castanheira é Professora Auxiliar do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona disciplinas das áreas da Literatura Inglesa,

Estudos Anglo-Portugueses e Estudos de Tradução. Possui os graus de Mestre e Doutora em Estudos Anglo-Portugueses. É investigadora do CETAPS e coordenadora da área de investigação “Anglo-Portuguese Studies”. Os seus principais interesses de investigação são as relações históricas, literárias e culturais anglo-portuguesas, a escrita de viagem e a história da tradução.